



1 0

OBRAS AUTORAIS CONTINUADAS POR OUTROS ARTISTAS (1)

Fábio Sales

Algumas obras foram produzidas por seus criadores até a data de sua morte ou aposentadoria e se tornaram sucesso de público em vários países. Depois, foram continuadas por outros artistas e vêm sendo publicadas com relativo sucesso também. Vou comentar sobre três delas, europeias, pois estão sendo também publicadas aqui no Brasil: **Lucky Luke**, **Asterix & Obelix** e **Corto Maltese**.

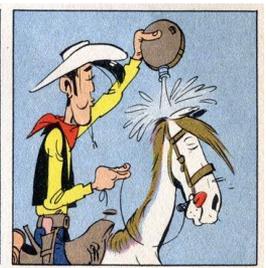
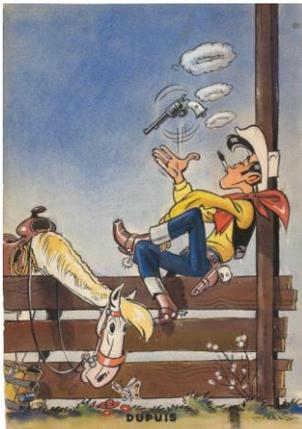
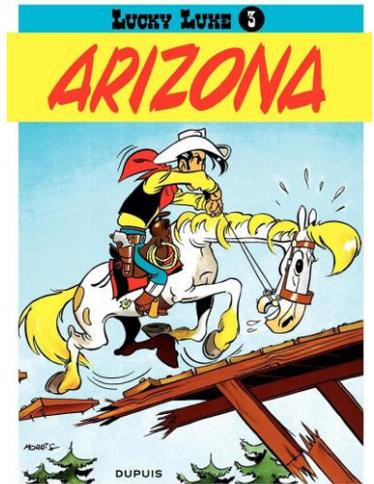
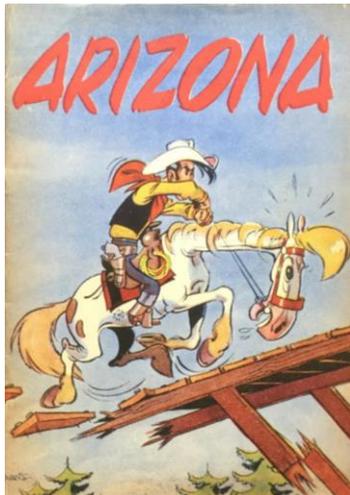
Serão três textos encartados em diferentes edições do **QI**.

LUCKY LUKE

Com colaboração e complementos relevantes ao texto original pelo Edgard Guimarães, a quem agradeço muito.

Este é o “cowboy que dispara mais rápido que a própria sombra”. Criação de Maurice de Bévère, mais conhecido como Morris, estreou com uma história mais longa em 1946 (com roteiro e desenhos do autor) no **Almanaque Spirou** na história ‘Arizona 1880’. Porém, antes, já havia aparecido na mesma publicação com traço um pouco diferente, um pouco infantilizado e arredondado (design reformulado para as histórias mais longas e abandonado de vez).





publicação **New Fun Comics**. O principal elemento que serviu de fonte é o cavalo, cujas características de esperteza e fala humana foram trazidas por Morris, além do nome do protagonista. Edgard nos lembra que 'Loco Luke' foi publicada no Brasil em **A Gazetinha**, em 1938.

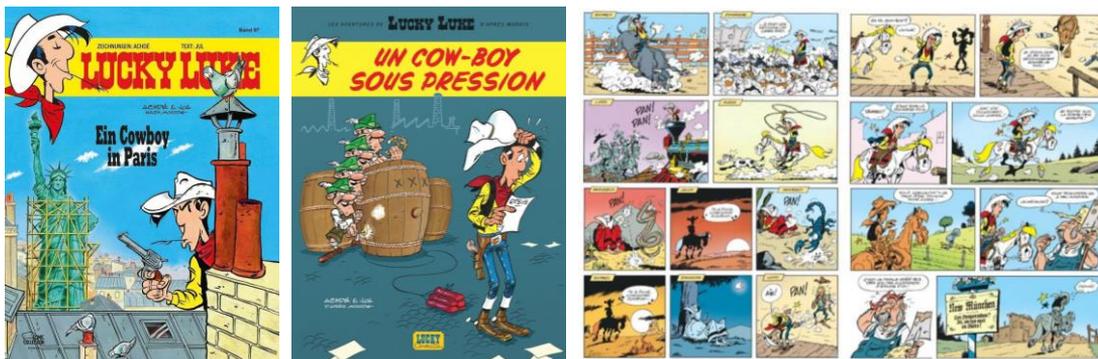


O autor passou alguns anos nos EUA estudando a história e ambientação do oeste norte-americano como referência para seu trabalho e acabou conhecendo René Goscinny. Surge uma parceria que se concretiza em 1955 e dura até 1977 (ano da morte do famoso roteirista). Após este triste fato, vários roteiristas se revezaram com Morris na continuação das publicações. A parceria entre Morris e Goscinny rendeu 37 álbuns, sendo o primeiro, **Trilhos na Pradaria**, publicado em 1957, e o último, **O Fio que Canta**, publicado em 1977. Foram publicadas coletâneas de histórias após o falecimento de Goscinny, que tem sua participação em algumas delas.

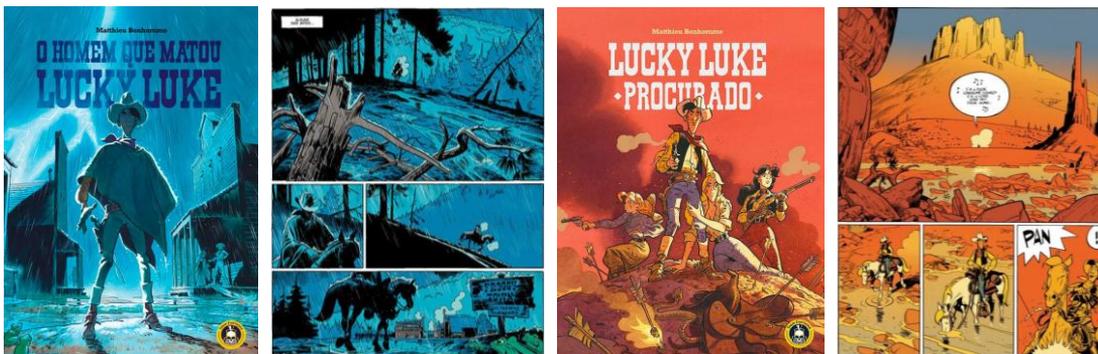


Este revezamento em roteiro e arte com sua equipe rendeu a criação das aventuras de Lucky Luke até 2001 (desta vez, ano do falecimento de Morris) com a história **A Lenda do Oeste**, chegando ao 72º álbum. Então, outros artistas assumiram o herói, com destaque para o roteirista Gerra e o desenhista Achdé. Esta fase nova tem o título ‘As Aventuras de Lucky Luke segundo Morris’ e está na edição de número 11, comandada por Jul no roteiro e por Achdé na arte.

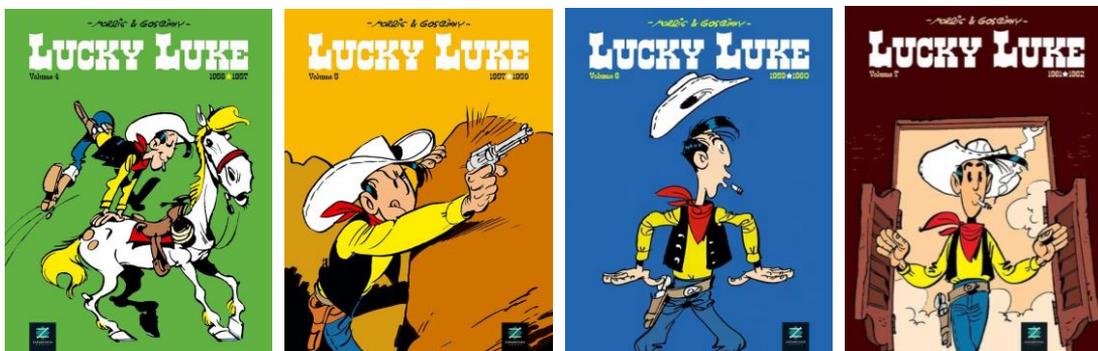




Chegamos aos dias atuais, quando outros artistas são convidados a criar edições especiais. Destaco Mathieu Bonhomme, que se encarrega do roteiro e da arte e, por enquanto, dois álbuns. Esta nova fase é publicada no Brasil pela Editora Trem Fantasma, no sistema de assinatura ou pré-venda, podendo ser também encontrados em comic shops e livrarias. Mais à frente comentarei sobre outras publicações por outros artistas. Até o momento serão, então, 6 álbuns neste conceito.

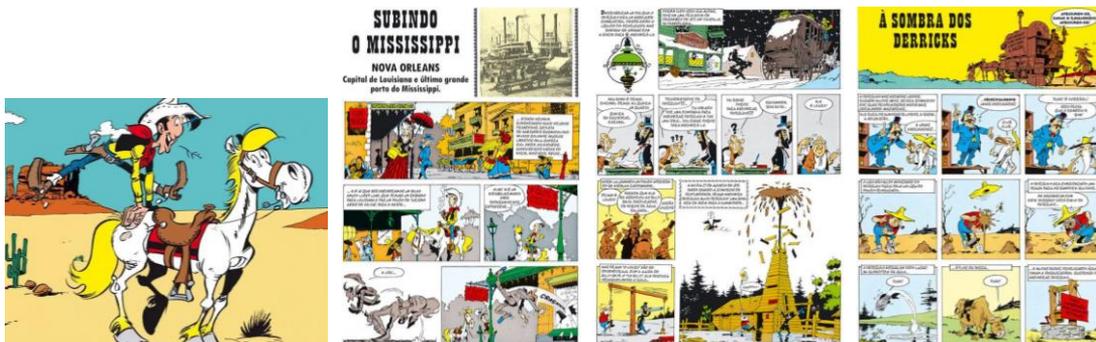


Em paralelo, a Zarabatana Books vem publicando no Brasil a fase original da parceria entre Morris e Goscinny. Já saíram 4 volumes, cada um com 3 álbuns completos. O plano da editora é publicar em 2025 mais um volume, desta vez seguindo a ordem cronológica das publicações na França, iniciando pelos três primeiros álbuns. A editora começou a coleção com o volume 4 para pegar o início da era dourada da série com os roteiros de Goscinny.

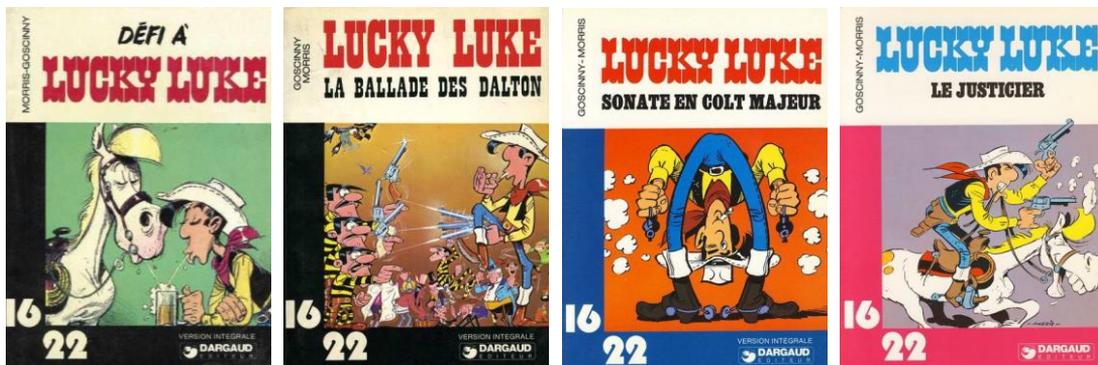


E a história em si, do que se trata? É uma paródia, e ao mesmo tempo uma homenagem, ao Oeste Selvagem norte-americano. Lucky Luke é um cowboy solitário (ou melhor, nem tanto, já que está sempre acompanhado de seu cavalo Jolly Jumper). Este seu parceiro é considerado “o cavalo mais esperto do mundo”, demonstrando a veia cômica das histórias. Até contas Jolly sabe fazer e sempre tem um comentário sarcástico sobre os vilões ou as situações. Atuando como aventureiro e outras vezes como homem da lei, Lucky Luke combate o crime e a injustiça por onde passa.

Foram publicados nas diversas fases 89 álbuns e mais 4 de uma coleção menor, citada abaixo. São histórias com muito humor e ironia, além de muitas referências históricas. Em algumas temos a participação de personagens reais e lendas do oeste americano. Enfrentando uma galeria de vilões bem construídos, os autores trazem até primos distantes dos conhecidos bandidos Irmãos Dalton. O traço de Morris foi se aprimorando ao longo do tempo e das publicações, sendo o desenho estilizado e caricatural acompanhando o estilo ‘franco-belga’ nos contornos em preto e colorização. Com características de queixos retos e sapatos achatados e retangulares. Seguindo o roteiro dinâmico e cheio de jogos de palavras, as piadas visuais tornam a leitura divertida e trazem deixas para as intervenções pontuais e certeiras do cavalo Jolly Jumper, trazendo ainda mais comicidade às cenas.



Aproveitando o sucesso na época, foram lançados quatro álbuns em um formato diferenciado para a ‘Coleção 16/22’ (formato menor) da dupla Morris e Goscinny. Outros personagens também tiveram publicações neste formato. As histórias de Lucky Luke foram adaptadas de histórias curtas originais publicadas em várias revistas, além da **Spirou**, como **Super Pocket** e **Lucky Luke** e muitas foram compiladas em álbuns da série normal. No Brasil, essa coleção 16/22 não foi publicada, mas algumas histórias curtas saíram na revista **Gibi** semanal, em 1975. Os quatro volumes foram publicados em Portugal pela Meribérica/Liber.



Como é característico nos roteiros de Goscinny, e também de outros autores, elementos contemporâneos são incorporados às histórias que se passam em épocas distantes, criando uma ligação com as diversas gerações de leitores que as obras vêm conquistando. Um detalhe em particular é a troca do cigarro pela palha de capim pendurada no canto da boca em 1983. Demonstrando o alcance do personagem, a OMS reconheceu esse esforço do autor.

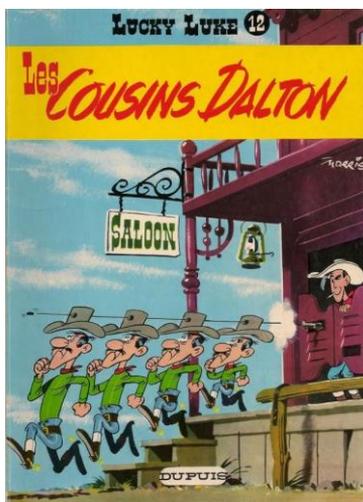
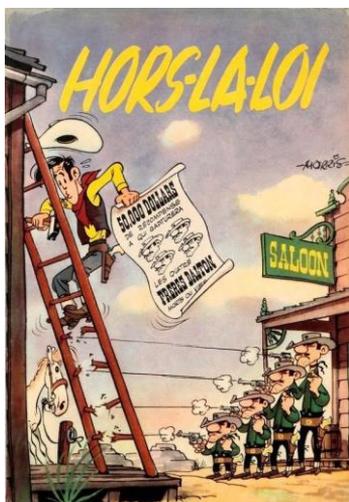
O elenco de apoio e que ajuda muito no humor da série é formado pelo seu cavalo Jolly Jumper; pelo cachorro vigia do presídio, Rantanplan (pode-se dizer “o cão mais estúpido do oeste”); o grupo de antagonistas, Primos Dalton, quatro bandidos atrapalhados (em alguns números temos a participação de sua mãe, cuja interação com os filhos é bem hilária); e também o inimigo Billy The Kid, com uma periculosidade mais intensa.

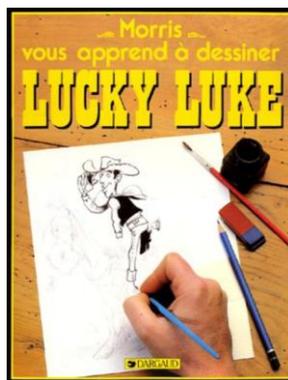
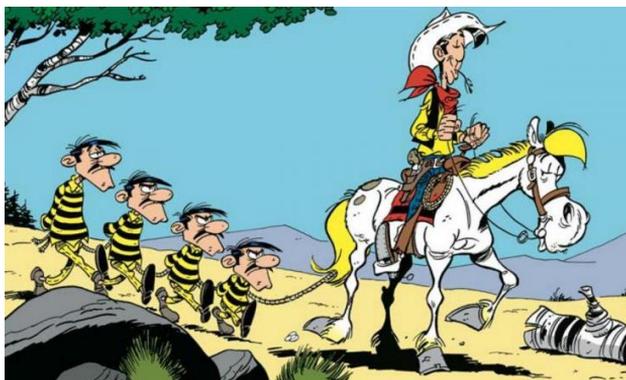
De uma família de fazendeiros que tiveram suas terras expropriadas por uma ferrovia, os irmãos Dalton têm um final de juventude e início de vida adulta atribulados. Passam de homens da lei para fora da lei e seguem assim, roubando trens e bancos, entre outros assaltos. Os irmãos (Bob, Grat, Bill e Emmet) realmente existiram e seus feitos de bandidagem viraram lenda. Morris se inspirou neles para criar os mais frequentes antagonistas de Lucky Luke. Primeiro na aventura **Fora da Lei**, que foi publicada na revista **Spirou** em 1951 para virar álbum em 1954, na qual acabam mortos.



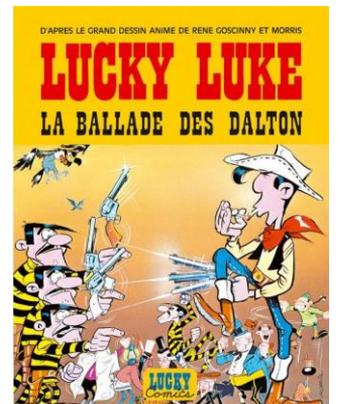
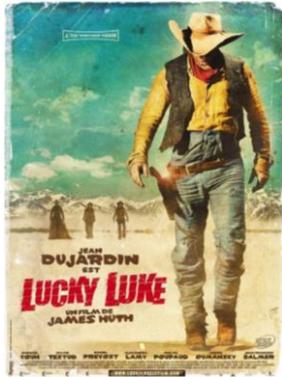
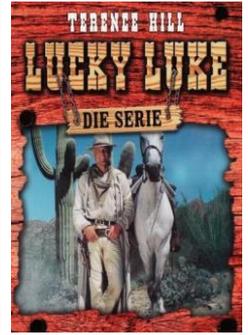
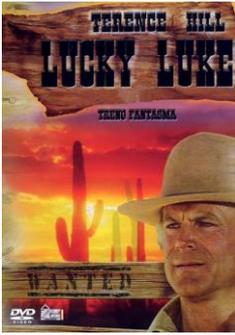
Nas palavras de Edgar Guimarães: Em 1952, na revista **Spirou**, após a morte dos Irmãos Dalton no álbum **Fora da Lei**, é publicada a história ‘O Regresso dos Irmãos Dalton’, mas é a história de um candidato a xerife fazendo campanha dizendo que foi ele que liquidou os Irmãos Dalton. Lucky Luke não gosta da mentira e, junto com mais 3 amigos com as estaturas adequadas, se fantasiam de Irmãos Dalton para assustar o sujeito.

Somente em 1957, Morris e Goscinny resolvem trazer de volta as figuras dos Dalton, agora como outros quatro personagens, os Primos Dalton, com Joe, William, Jack e Averell, esses bem menos perigosos que os originais. No início da história **Os Primos Dalton**, eles se declaram primos dos Dalton originais e juram vingá-los liquidando Lucky Luke.

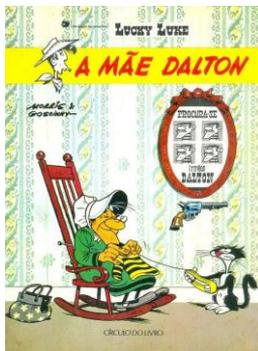
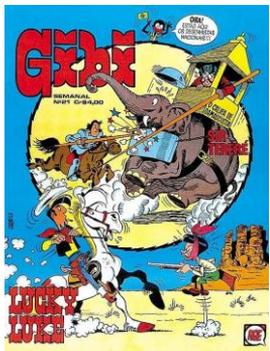
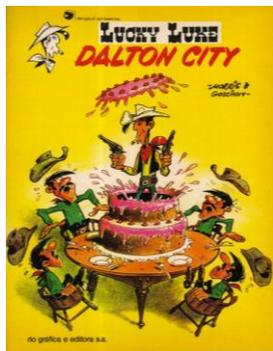
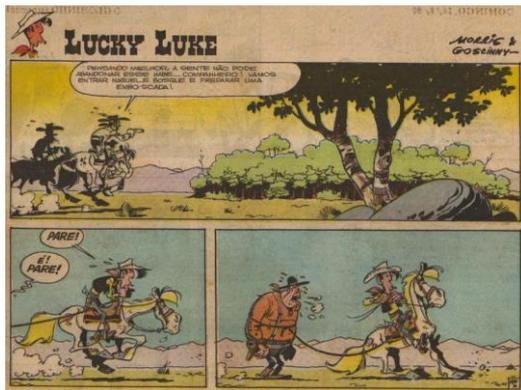
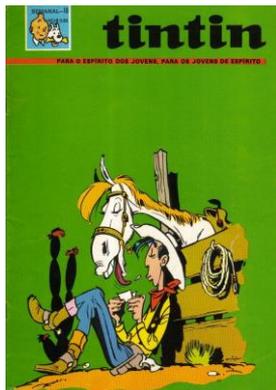
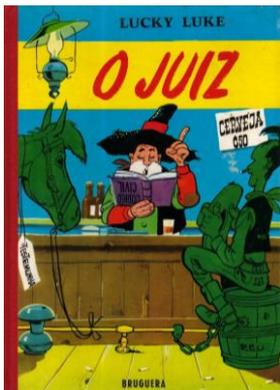




Do papel para as telas de cinema e televisão, Lucky Luke teve várias adaptações, entre elas as encarnadas nos anos 1990 por Terence Hill. Também animações foram produzidas nas décadas de 1970, 1980 e continuam sendo produzidas. Uma das animações foi adaptada para os quadrinhos pela dupla Morris e Goscinny, **A Balada dos Dalton**, em 1978. Saiu em álbum da série normal e na 'Coleção 16/22'.



As publicações no Brasil foram pelas editoras Bruguera/Cedibra (2 álbuns, em 1968, **Os Primos Dalton** e **O Juiz**, e 2 aventuras na revista **Tintin**), RGE/Globo (no suplemento de domingo **Globo** **Supercolorido**, 5 álbuns, em 1973, **Dalton City**, **Jane Calamidade**, **Os Dalton no México**, **O Almofadinha** e **A Mãe Dalton**, 3 histórias curtas no **Gibi** semanal, em 1975, e um álbum horizontal, em 1976, **Jesse James**); Círculo do Livro (álbum duplo com **O Almofadinha** e **A Mãe Dalton**); e Martins Fontes (20 álbuns, a partir de 1983, **Jesse James**, **A Diligência**, **Pé-de-Moça**, **Mãe Dalton**, **Caçador de Prêmios**, **Western Circus**, **Canyon Apache**, **Dalton City**, **O Grão Duque**, **A Herança de Rantanplan**, **O Cavaleiro Branco**, **A Cura dos Dalton**, **O Imperador Smith**, **7 Histórias de Lucky Luke**, **O Fio que Canta**, **O Tesouro dos Dalton**, **Daisy Town**, **O Bandido Maneta**, **A Corda dos Enforcados** e **Sarah Bernhardt**). Além das mencionadas publicações da Zarabatana Books (fase clássica) e a nova fase pela Trem Fantasma.

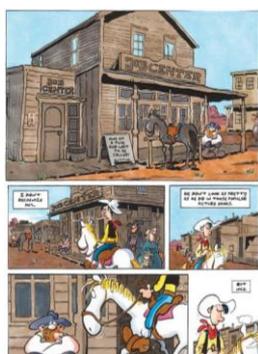
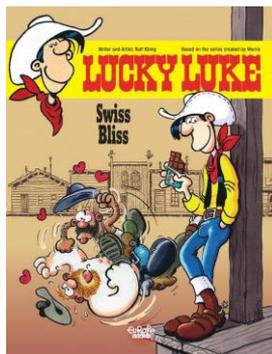
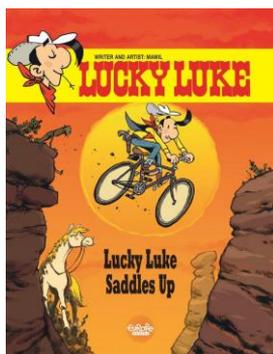


O final das várias histórias repete a cena de encerramento, com o protagonista cantando o que pode ser uma síntese do seu modo de vida: “I’m a poor lonesome cowboy and a long long way from home...”. Dependendo da editora por aqui, a canção estava em inglês ou traduzida: “Sou um pobre cowboy solitário que anda bem longe de casa...”.

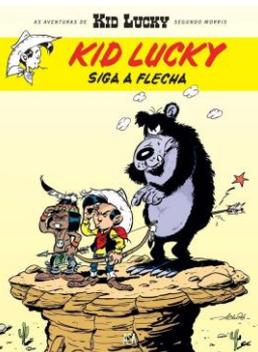
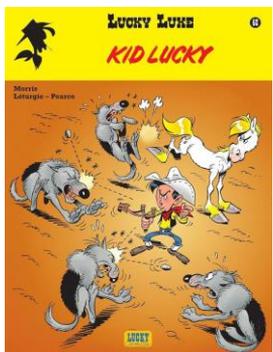




Outras versões foram publicadas na Europa pela editora francesa Dargaud por artistas diferentes, como a de Mawil em 2019 ou a de Ralf König em 2021. Fazem parte das edições especiais comentadas anteriormente.



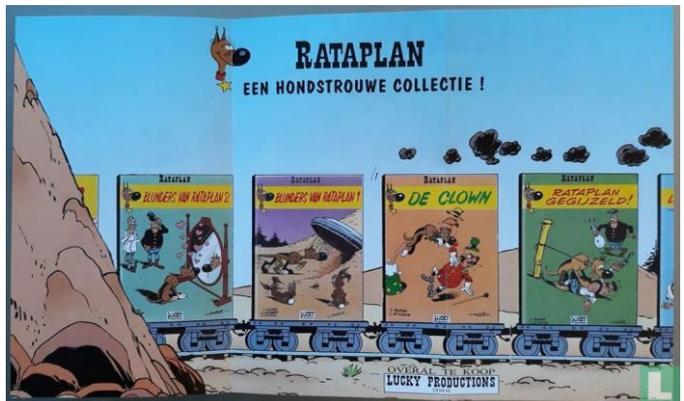
E, sim, temos a versão infantil do personagem: Kid Lucky, série que narra a infância do Lucky Luke, criada por Conrad sob o pseudônimo de Pierce e com Jean Léturgie e Yann como argumentistas no álbum **Kid Lucky**, de 1995. Jolly Jumper também está lá, auxiliando nas interações com os colegas de escola, a professora e o xerife na busca por justiça. As publicações recentes são produzidas por Achdé (que já havia publicado a versão adulta), tanto nos roteiros quanto na arte. Por enquanto, foram lançados 5 volumes.

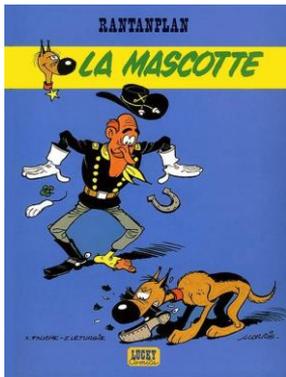


Em 2020, também foram para as telas, através de animação.

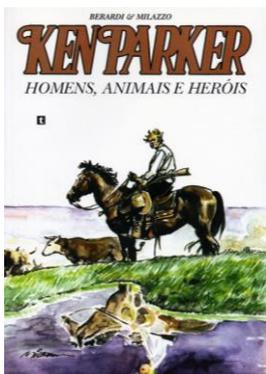


Lembram do cachorro mais estúpido do oeste? Pois ele também tem sua própria série de álbuns, **Ratanplan**. Criado em 1960, como uma paródia a Rin Tin Tin, ganhou publicações próprias a partir de 1987, tendo Morris na arte e variados roteiristas para o texto. E ganhou uma série em animação no ano de 2006, para a televisão francesa com episódios de 90 segundos.





E como recorda Edgard Guimarães, lá está nosso herói participando de outra publicação. Ele faz uma ponta em **Ken Parker** nº 15, incluindo a famosa cena do cowboy partindo rumo ao horizonte. Esta publicação faz homenagem a vários personagens de quadrinhos relacionados ao tema do velho oeste ou oeste selvagem.



No álbum **Asterix e seus Amigos**, publicado no Brasil pela editora Record, em 2008, há uma HQ em que Lucky Luke “contracena” com Asterix e Obelix, produção de Gerra e Achdê homenageando os personagens de Goscinny e Uderzo.

Sim, existem outras obras que seguem este mesmo perfil, porém iniciei com estas três por gosto pessoal e por colecionar desde minha juventude. Agradeço ao Edgard Guimarães pela oportunidade e colaboração.

